

Seminário Internacional de Estudos Globais

27.11.2024, 18h00

“Bahsé ahpose – o diálogo cosmopolítico com os yuhkuri mahsã no alto Vaupés”

José Carlos Almeida Cruz
(Universidade Federal do Amazonas)

Resumo: Bahsé ahpose – significa restauração, reordenamento e/ou adocicamento (CRUZ, 2023). É a prática intercultural que envolve o diálogo cosmopolíticos (SZTUTMAN, 2019) e cosmotécnico (YUK, 2020) nos **três espaços moradas** dos wai-mahsã (BARRETO, 2013), seres cósmicos, como os yuhkuri mahsã (as gentes floresta), em seus ciclos solares ou de constelações (muhipũ po’eri kumarĩ), vivenciados pelos povos no alto Vaupés, Terra indígena do Alto Rio Negro, município de São Gabriel da Cachoeira, nas paisagens etnográficas do noroeste da Amazônia brasileira. Quem são os responsáveis? Neste diálogo diplomático, o Kumu é o especialista em diálogo diplomático. A relevância e potencial de inovação da pesquisa é que este diálogo envolve teórica e prática, pelo kumu, ou seja, é uma cosmotécnica da epistemologia antropológica indígena. Convém ressaltar que o foco dos resultados, a sua apropriação e aplicação, não é a solução total para resolver o problema da inter-relação e conexão de mahsã (gente) e yuhkuri mahsã. Portanto, é um registro descritivo-etnográfico, que envolve conhecimento e práticas vivenciadas nas mudanças de ciclos (constelações), como uma nova tecnologia, pelos povos do Vaupés. Assim sendo, este diálogo diplomático cosmopolítico advém das práticas adormecidas, mas em voga na transmissão oral e ressurgente na condição climática atual. Se preocupa nas ressurgências de florestas, sua preservação e conservação, após perturbações de utilização em territórios de povos indígenas e comunidades no alto Vaupés, como consciência ambiental tradicional. Pode estender-se na restauração terras, plantio, caca, pesca, coleta e no cunho social à moradia coletiva. Assim, a descrição etnográfica do evento que envolve constelações e **os oito diálogos de manejo tradicional** buscará elucidar a prática cosmotécnica no território indígena a partir das referências da Antropologia Indígena e não

Centro de Estudos Globais da Universidade Aberta
Cátedra UNESCO de Estudos Globais da Universidade Aberta
Cátedra CIPSH de Estudos Globais da Universidade Aberta

Universidade Aberta, Palácio Ceia, Rua da Escola Politécnica, 141-147, 1269-001 Lisboa – Portugal

E: ceg.estudosglobais@uab.pt | T: (+351) 213 916 300 | S: <https://ceg.uab.pt/>

indígena. Um constructo epistemológico que envolve teoria e prática, frente as mudanças dos ciclos climáticos-constelações-florestais, na produção da literatura da Antropologia Indígena na Amazônia.

Nota curricular: José Carlos Almeida Cruz é Mestre e doutorando em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – PPGAS, na Universidade Federal do Amazonas – UFAM. O foco de sua pesquisa é a Etnologia que envolve povos indígenas tradicionais da Amazonia, conhecimentos tradicionais como autoafirmação da identidade, no diálogo entre a Antropologia Indígena e Não Indígena. Assim sendo, visa a construção da literatura indígena, como nova epistemologia da Antropologia na Amazonia. Em 2023, defendeu sua dissertação de mestrado com o título: Bahsé ahpose - os ritos de adocicamento das águas e dos peixes na prática do tinguijamento no alto Vaupés (CRUZ, 2023). Esta dissertação foi apresentada na SALSA 2023 – XIV CONFERÊNCIA BIENAL “Visiones e Futuros: Amazonia desde las raíces, Triple frontera Amazónica Brasil/Colômbia/Peru”, em Letícia (Colômbia) na Universidade Nacional de Letícia – UNAL. Desta apresentação está em andamento para publicação, um artigo da dissertação pelo Jornal Antropológico Tipiti. Atualmente, está em Lisboa, no Instituto de Ciências Sociais na Universidade de Lisboa como acadêmico em estágio profissional do Doutorado Sanduiche da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, em parceria com o Projeto EDGES.